

A viagem de Obama Imprensa americana foi ambivalente na avaliação do périplo

Um triunfo fora com resultado incerto em casa

O candidato democrata correu riscos e atingiu os seus objectivos. Mas a popularidade fora de portas não garante o apoio de quem vota

Rita Siza, Washington

● Foram muito úteis as legendas das televisões que identificaram Barack Obama como “candidato à presidência dos Estados Unidos”, lembrando aos mais distraídos que o périplo internacional do senador do Illinois, que terminou ontem, em Londres, não era uma visita de Estado.

Sem esse detalhe, o equívoco seria compreensível: ontem, mais uma vez, lá estava Obama à porta do número 10 de Downing Street, recebido com pompa pelo primeiro-ministro britânico, Gordon Brown. Um tipo de recepção que os americanos viram repetir-se dias e dias a fio.

“Nesta época da televisão, quanto mais as pessoas vêem imagens dele no papel de comandante-chefe, melhor [para a sua candidatura]”, comentou Jerry Rafshoon, o antigo assessor de imprensa de Jimmy Carter, ao jornal *The Washington Post*.

Esse era o grande objectivo da viagem, e nesse sentido a iniciativa foi um rotundo sucesso. O candidato regressou aos EUA com suficientes imagens e *soundbytes* para compor uma respeitável pose de estadista.

Críticas e resposta

Mas a imprensa americana e a campanha de John McCain levantaram questões quanto à “vacuidade” de alguns desses momentos, argumentando que não passaram de “banalidades”, com pouca relevância noticiosa e nenhuma substância política.

“Não fizemos nada de diferente do que a sua própria campanha fez. No seu papel de candidato, McCain já foi ao Canadá, México e Colômbia”, contrariou Obama, em Londres. “Temos de reconhecer que uma parte do trabalho do Presidente e comandante-chefe é forjar relações efectivas com os nossos aliados”, sublinhou.

Para o candidato, a viagem foi francamente positiva, mesmo que as últimas sondagens ainda não traduzam os benefícios que espera recolher. Os inquéritos mais recentes revelaram um novo impulso da candidatura de McCain. “Não me surpreende que os números das sondagens tenham caído um bocadinho, é natural”, reconheceu Obama. “As pessoas na América estão preocupadas com o preço dos combustíveis, estão preocupadas com a execução das hipotecas das suas casas”, referiu.

“Uma das grandes preocupações da candidatura de Obama diz respeito à sua in experiência em termos de política externa. É isso que faz muitos

eleitores hesitar. Mas, no seu discurso em Berlim, Obama articulou um mandato tão claro para a mudança em todo o mundo, que pode aliviar alguma dessa preocupação. A imprensa que os americanos vão ter é de alguém que tem o comando da linguagem necessário para liderar no palco internacional”, comentou ao PÚBLICO Christopher C. Hull, professor assistente do departamento de Government da Universidade de Georgetown.

Saída foi um risco

“Estrategicamente, foi um risco para Obama sair do país, e especificamente para ir ao Afeganistão, Iraque e Israel, zonas sensíveis onde qualquer erro seria amplificado mil vezes”, nota o especialista. A campanha de Obama arriscou atacar McCain na área onde ele é mais forte e mais credível: as questões de segurança e política externa. “A viagem fez sentido, porque ele pode resolver esta eleição se convencer o eleitorado que pode ser tão bom como McCain [nessas questões]”, considera Hull.

A imprensa foi ambivalente na avaliação da iniciativa de Obama, com alguns comentadores a classificar a viagem como um “sucesso” e outros a manifestar reservas quanto à sua “presunção”.

A *Economist*, por exemplo, elogiou a prestação do senador do Illinois em Berlim. “Ele precisava de dizer aos eleitores o que eles queriam ouvir, e ao mesmo tempo entusiasmar aqueles que o tinham ido ver. (...) E em larga medida conseguiu-o, embora o discurso não tenha sido tão substancial como prometido e o ambiente não tenha chegado à euforia”.

Já a conservadora *National Review*, classificou a oratória do candidato democrata como “insípida”: “O discurso de Obama foi comedido e cauteloso. O seu objectivo era navegar entre a Síla da eurofilia desavergonhada, à la John Kerry, e a Caribdes do excepcionalismo americano (os Pais Fundadores). O resultado foi um naufrago intelectual”, escreveu.

Como assinalava o *Wall Street Journal*, em editorial, há uma diferença entre ser uma figura popular e ser uma figura de Estado. “Observar Barack Obama em Berlim, e ao longo da sua viagem pelo estrangeiro, foi uma lembrança da distância que o presumível nomeado democrata teve de percorrer para garantir às pessoas que é capaz de ser uma figura de Estado – às pessoas que vão às urnas em Novembro”.

Obama e Brown: um é popular, o outro nem tanto



Brown, Blair e Cameron na agenda de Barack

Amizade reafirmada e ainda algum consolo

● Nas duas horas em que estiveram reunidos em Londres, o primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, e o seu amigo Barack Obama tiveram tempo para comer biscoitos de chocolate, passear pelos jardins e trocar palavras de encorajamento. “Quando nós assumimos responsabilidades, é certo que vamos fazer algumas pessoas infelizes”, lembrou Obama ao seu anfitrião, a braços com uma crise de popularidade, agravada pela derrota trabalhista, na sexta-feira, numa eleição parcial na Escócia (ver texto na página ao lado). “Somos sempre mais populares antes de assumir funções”, foram as palavras de consolo que Obama dirigiu a Brown.

O candidato presidencial democrata é tão popular no Reino Unido como na Alemanha e na França, os dois países que visitou antes de chegar a Londres e onde foi recebido com enorme en-

tusiasmo. O ambiente foi menos festivo na capital britânica, mas mesmo assim houve quem se esforçasse para ver o senador do Illinois. Keith Harris, de 45 anos, foi até Downing Street para ver “o primeiro negro que vai ser Presidente dos Estados Unidos”. E considerou que “ele é um grande homem e se for eleito vai trazer muita esperança a todo o mundo”.

Obama e Gordon Brown falaram sobre economia, aquecimento global e até sobre a conquista do espaço, mas nos depoimentos aos jornalistas preferiram salientarem o seu acordo na



Obama levou para casa um CD dos The Smiths, oferecido pelo líder conservador, com quem se encontrou

necessidade de fortalecimento da relação transatlântica e nos interesses partilhados dos dois países nas guerras do Afeganistão e do Iraque.

“Sei que as tropas britânicas carregaram um fardo pesado”, observou Barack Obama, acrescentando que se for eleito espera poder continuar a contar com o apoio do Reino Unido. “Gostaríamos que esse fardo continuasse a ser partilhado”, disse.

Na sua curta visita a Londres, Obama reuniu-se também com o antigo primeiro-ministro e actual enviado especial do Quarteto (UE, EUA, ONU e Rússia) para o Médio Oriente, Tony Blair, e o líder do Partido Conservador, David Cameron - que, num gesto de boa vontade, ofereceu ao senador do Illinois um CD dos The Smiths, uma banda emblemática da década de 1980, e outro da jovem Lily Allen. Rita Siza, Washington